

DO MENSALÃO AO PETROLÃO

Menos de um ano antes das eleições presidenciais de 2006, o Brasil se viu em meio a uma crise política de proporções jamais vistas anteriormente, diante das denúncias de corrupção no governo Lula. Em entrevista exclusiva à Renata Lo Prete, à época editora da coluna “Painel”, do jornal *Folha de S.Paulo*, o então deputado federal Roberto Jefferson (PTB) deu detalhes de como congressistas aliados recebiam mesadas de Delúbio Soares, tesoureiro do PT na época, em troca de apoio ao governo federal.

O caso foi se intensificando diante das acusações de que ministros do primeiro escalão, como José Dirceu (Casa Civil) e Antonio Palocci (Fazenda), além do próprio presidente Lula sabiam do repasse de dinheiro para que deputados votassem de forma favorável aos projetos de interesse do Executivo. Dava-se início ao processo que ficou internacionalmente conhecido como mensalão.

Passados dez anos desde o escândalo que pela primeira vez levou o Supremo Tribunal Federal (STF) a julgar e penalizar políticos envolvidos em um esquema de corrupção, o Brasil se vê novamente em meio a denúncias de um caso de proporções semelhantes, senão, maiores. Tanto é que a “Operação Lava Jato”, que investiga o es-

EX-OMBUDSMAN DA FOLHA DE S.PAULO E RESPONSÁVEL, HÁ DEZ ANOS, POR LEVAR A PÚBLICO O ESCÂNDALO DO MENSALÃO, RENATA LO PRETE FIRMA-SE COMO ESTRELA DE PRIMEIRA GRANDEZA NA COBERTURA POLÍTICA, AGORA NA TV PAGA

**POR DANÚBIA PARAIZO
SUBEDITORA DE REVISTA**

FOTOS: ALEX ALMEIDA

quema de cartel de empreiteiras em obras da Petrobras, já é conhecida como “petrolão”, em referência aos malfeitos na estatal.

Até o momento, pelo menos 49 pessoas, entre elas, 47 congressistas, senadores e deputados, supostamente envolvidos com o recebimento de propina da estatal, estão sendo investigados pela Procuradoria Geral da República. “Durante muito tempo se achou que aquilo (mensalão) não seria objeto de investigação até o fim. E as pessoas foram condenadas de maneira inédita. Pela primeira vez, dirigentes do governo foram condenados a penas de prisão. (...) E isso teve uma influência definitiva nas delações premiadas da Lava Jato”, destaca Renata, hoje âncora do bloco de política e colunista do “Jornal das Dez”, da GloboNews.

Em entrevista à IMPRENSA, realizada na semana que antecedeu os protestos a favor e contra a presidente Dilma [em 13 e 15/03], a jornalista faz um paralelo entre os dois momentos políticos, avaliando os níveis de popularidade de Lula e da presidente Dilma, além de analisar a cobertura da mídia em ambos os casos e falar da transição do impresso para a GloboNews e, mais recentemente, seus comentários para o “Bom dia Brasil”.





É PRECISO SER MAIS DIRETO, DIDÁTICO E NÃO UM DIDATISMO QUE MENOSPREEZE A INTELIGÊNCIA DA PESSOA

IMPRENSA – COMO VOCÊ AVALIA A COBERTURA DA MÍDIA NA ÉPOCA DO MENSALÃO E AGORA NA OPERAÇÃO LAVA JATO?

Renata Lo Prete - A primeira realidade que a gente tem que notar é que são dez anos de diferença. A força das redes sociais, do digital, o peso que isso tem na cobertura é muito grande. Outro dia me perguntaram se eu achava que a *Folha* guardaria hoje aquela entrevista com o Roberto Jefferson para dar na edição do dia seguinte no papel, como aconteceu no passado. Não posso responder pelo jornal, mas acho que hoje seria impossível esperar. E não porque o Roberto Jefferson fosse falar com outra pessoa. Mas a dinâmica da informação adquiriu uma velocidade que tudo mudou. O mecanismo de retroalimentação dos meios uns pelos outros é muito mais rápido.

NA ÉPOCA DO MENSALÃO, A MÍDIA TRADICIONAL ERA DOMINANTE. HOJE DIVIDE ESPAÇO COM BLOGS E REDES SOCIAIS. QUAIS OS IMPACTOS DESSA MULTIPLICIDADE?

Tenho uma visão bastante otimista dessa pluralidade. Se o veículo está disposto a realmente ouvir esses questionamentos, avaliar o que procede e usar para melhorar os seus procedimentos ele só tem a crescer. Sobre a chamada mídia tradicional e a digital eu tendo a achar que nos aproximamos de uma fronteira em que não vai mais fazer

sentido essa diferenciação. É confortável para a chamada mídia clássica se colocar numa posição de segurança, argumentando que ela ainda tem primazia sobre os furos porque custa dinheiro produzir informação de qualidade. Mas se esses veículos não se aperfeiçoarem, usando os questionamentos para oferecer uma informação de qualidade e veloz, eles ficarão fora do jogo.

COMO COMBINAR INFORMAÇÃO DE QUALIDADE E VELOCIDADE? ESSA RAPIDEZ PODE SER PREJUDICIAL?

Tem gente que argumenta que essa era da informação veloz mata a reflexão porque é tudo muito imediato. Eu não acho. A reflexão é essencial e por isso ela vai ser sempre valorizada. O que acontece é que nós jornalistas precisamos nos disciplinar para fazer análises cada vez menos prolixas, arrogantes. É preciso ser mais direto, didático e não um didatismo que menospreze a inteligência, mas que dê a mão para a pessoa e mostre porque aquilo tem importância. Isso tem tudo a ver com as redes sociais e a informação na era digital porque prevê o diálogo. Se você não estiver aberto a isso você vai ser irrelevante.

COMO FOI A TRANSIÇÃO DO PAPEL DE REPÓRTER PARA O DE ANALISTA POLÍTICA?

O que eu faço hoje na GloboNews não é exclusivamente análise. Eu brinco dizendo que sou

imigrante na TV. Passei a maior parte da vida trabalhando em jornal e vim para cá em uma altura já avançada do campeonato. Ser imigrante é uma coisa boa porque você nunca está 100% confortável. Mas a gente apura o tempo inteiro também. Porque só o que eu acho não tem importância. O que alimenta, o que eu vier a achar e o que pode ter peso depende da minha apuração, de eu ouvir pessoas. Quando vim para cá, achei tanta coisa diferente que eu brincava: a única coisa que continua igual é que eu tenho que apurar notícia.

COMO AVALIA O IMPACTO NA POPULARIDADE DO EXECUTIVO NOS CASOS DO MENSALÃO E DA LAVA JATO? QUEM SOFREU MAIS REJEIÇÃO: LULA OU DILMA?

No mensalão, houve uma denúncia que de cara atingiu a Casa Civil. Durante os primeiros meses mais tumultuados houve um momento em que a Presidência foi diretamente atingida. Em 2012, quando o julgamento começou e o Lula nem era mais presidente, um cordão de isolamento foi construído pela própria investigação, pela influência dos atores políticos, pela recuperação da economia que, aliás, o ajudou na reeleição em 2006. No petrolão é diferente. Até porque ele tem mais braços. A investigação se dá em várias frentes. Embora o procurador-geral da República tenha declarado que não há elementos para investigar a presidente, ela está em um momento de mais fragilidade. A economia, a dificuldade em seu relacionamento com os partidos que supostamente apoiam seu governo, todo esse conjunto acabou deixando a Dilma numa situação de popularidade mais desgastada.

O PROCESSO DO MENSALÃO PODE SERVIR COMO MODELO PARA O ENCAMINHAMENTO DE OUTROS ESCÂNDALOS?

Se a gente for comparar o alcance, número de envolvidos e valores movimentados, o petrolão é muito maior. Por outro lado, o mensalão teve uma consequência que influenciou as investigações de agora. Durante muito tempo se achou que aquilo não seria objeto de investigação até o fim. E as pessoas foram condenadas de maneira inédita. Pela primeira vez, dirigentes do governo foram condenados a penas de prisão. Embora estejam hoje praticamente todos soltos por uma progressão da pena, os condenados dos chamados núcleos financeiro e operacional do mensalão continuam na cadeia. E isso teve uma influência definitiva nas delações premiadas da Lava Jato. As pessoas se miraram nesse

exemplo e chegaram à conclusão que, dado o grau de envolvimento delas, ou colaborariam ou se arriscariam a pegar penas tão pesadas quanto as do mensalão.

A PRESIDENTE DILMA ENFRENTA PRESSÕES DE GRUPOS QUE PEDEM SEU IMPEACHMENT. QUAIS SERIAM AS RAZÕES PARA ESSA INSATISFAÇÃO?

Toda campanha eleitoral envolve uma boa dose de ilusão, que, em caso de vitória, é confrontada com realidades mais ou menos duras. No caso de Dilma, dois fatores se combinaram de maneira amarga. Primeiro, economistas de diferentes orientações consideram que o mais sofrido, do ponto de vista do impacto na vida das pessoas, ainda está por vir. O outro fator é que a presidente não vendeu uma ilusão qualquer. Ela disse na campanha que não faria em nenhuma hipótese as coisas que depois veio a fazer. Acrescente a essa mistura difícil de engolir as revelações sem fim sobre a corrupção na Petrobras, aquela que, na fábula eleitoral, os outros é que queriam destruir. Não existe discurso, pronunciamento, entrevista ou propaganda que dê conta de explicar isso.

NO DIA DA MULHER, DILMA FEZ UM PRONUNCIAMENTO E ENFRENTOU UM PANELAÇO. HOUVE ALGUM ERRO DE ESTRATÉGIA EM EXPOR A PRESIDENTE NAQUELE MOMENTO?

Qualquer pessoa que viu o pronunciamento e que sabe como estão as coisas no País, sabia que existia um descompasso entre o que a presidente estava falando e a realidade. Por outro lado, quando vejo um governante em uma situação de extrema dificuldade como a Dilma, começa a vigorar a lógica daquele velho ditado: “Em casa onde falta pão, todo mundo briga e ninguém tem razão”. Todos têm várias ideias sobre o que a presidente poderia fazer e não fez. Mas vamos nos lembrar de alguns conselhos do ex-presidente Lula, como o de que Dilma deveria sair mais. Ela apareceu em São Paulo há alguns dias naquela feira de construção civil [Salão Internacional de Construção, em 10/03] e a gente viu no que deu [a presidente foi vaiada]. Ela está numa situação que se fizer pronunciamento não vai ficar bom para ela. Se não fizer, os conselheiros também vão reclamar.

DESDE DE AS MANIFESTAÇÕES DE 2013, A SOCIEDADE PARECE ESTAR ATENDA AO PODER PÚBLICO. A SOCIEDADE ESTÁ, DE FATO, MAIS POLITIZADA?

EM 2012, [...] UM CORDÃO DE ISOLAMENTO FOI CONSTRUÍDO [EM TORNO DE LULA] PELA PRÓPRIA INVESTIGAÇÃO, PELA INFLUÊNCIA DOS ATORES POLÍTICOS



AS PESSOAS ESTÃO DE ALGUMA MANEIRA SE POSICIONANDO. MANIFESTAÇÃO É UMA COISA BOA. SEJA QUAL FOR O GOVERNO, PAZ DE CEMITÉRIO É PIOR

Tenho pensado muito na queixa de vários de nossos colegas sobre como as coisas estão tensas, a agressividade das manifestações, as opiniões tão rápidas quanto apaixonadas das pessoas que se manifestam. Muita gente vê isso como algo ruim. Eu tenho outra visão. Evidentemente que não gosto de ser agredida e uma das coisas que aprendi com a TV, porque o alcance é maior, é que você está muito sujeito a isso. Mas é um indicativo de vitalidade maior da democracia. As pessoas estão se manifestando e de alguma maneira se posicionando. Manifestação é uma coisa boa. Seja qual for o governo, paz de cemitério é pior.

O QUANTO SUA EXPERIÊNCIA COMO REPÓRTER, EDITORA DE PRIMEIRA PÁGINA E OMBUDSMAN TE AJUDOU A CHEGAR MAIS PREPARADA À TV?

Uma coisa boa de você ter passado por diversas experiências é que, às vezes, na hora você nem processa, mas aprendeu muito. O que aprendi antes, acertei ou errei, me fez chegar à TV com uma segurança maior sobre o meu assunto. Seria muito mais instável para mim se eu precisasse, ao mesmo tempo, lidar com duas novidades: a da maneira de transmitir a informação, de me fazer entender e ser concisa, e me preocupar também em dominar o conteúdo. Não que eu não o domine totalmente. Aprendo todo dia. Me lembro que no dia de reestreia do jornal, eu estava bem nervosa e um chefe me disse: “Quem diria, hein, Renata? Você, foca, de novo, a essa altura?”. Isso é muito bom.

OS BASTIDORES DA POLÍTICA EXIGEM MUITO JOGO DE CINTURA PARA O JORNALISTA. COMO VOCÊ APRENDEU A SEPARAR O QUE É NOTÍCIA E O QUE É “JOGO POLÍTICO”?

Na política, todo mundo tem algum tipo de interesse, e como diria o doutor House, todo mundo mente. Ou porque elas têm uma ligação forte com alguns dos atores, ou com algum dos muitos lados do noticiário. Acho que o trabalho da gente é ouvir tudo isso até onde for possível, sem preconceito, e extrair daquela mistura de fato com ficção, ilação, plantação interessada, algo que faça sentido sempre tendo em mente que, às vezes, a gente se sente muito seguro sobre o que é uma história quando, na verdade, tem outra mais completa passeando ali. O importante de tudo é você estar disposto a ouvir.

RECENTEMENTE, VOCÊ PASSOU A FAZER ENTRADAS DIÁRIAS NO “BOM DIA BRASIL”. FAZER COMENTÁRIOS DE POLÍTICA NA TV ABERTA É DIFERENTE?

Nos últimos dias, os assuntos de política do “Jornal das Dez” e da TV aberta estão muito parecidos. Estou falando sobre Operação Lava Jato e as dificuldades do governo no Congresso. Mas já houve ocasiões em que o assunto era totalmente diferente. No “Bom dia Brasil”, como é outro tipo de jornal e de público, já me ocorreu de falar sobre os imigrantes haitianos, da crise nos hospitais universitários. Isso é política também. E ter a oportunidade de mostrar isso para as pessoas é uma coisa muito legal. **1**